

Devir - O carácter vago e mistificador da identidade

Num célebre seminário, Claude Levi-Strauss insiste sobre o carácter vago e mistificador da identidade por esta não ser mais do que um dispositivo simbólico e narrativo que se alimenta de uma enorme diversidade de factos reais e imaginários “...une sorte de foyer virtuel auquel il nous est indispensable de nous référer pour expliquer un certain nombre de choses, mais sans qu’il ait jamais d’existence réelle”¹. Nesta linha de pensamento, o autor pergunta se, ao invés de invocar os fantasmas saídos da psicologia barata da identidade, não será melhor indagar esses factos ou condições objectivas de que a suposta identidade é sintoma ou espelho reflector.

Levi-Strauss opõe-se à ideia de senso comum de que a identidade cultural se manifesta através de traços culturais próprios de um grupo ou etnia (língua, religião, arte, etc....), conferindo uma individualidade e exprimindo o sentimento de pertença por parte de cada indivíduo a esse grupo; tais características confeririam uma unidade coerente e fixada de uma vez por todas através da socialização e dos legados familiares. Diferentes das identidades étnicas das sociedades pré-modernas, os nacionalismos europeus do séc. XIX marcariam o modelo do Estado-Nação com todas as suas mitologias e ficções identitárias, para o bem e para o mal.

Hoje a maior parte dos discursos sobre identidade focam-se em dois extremos: a globalização e os seus processos de massificação (o resultado do aprofundamento e da extensão global do processo de modernização segundo o modelo ocidental) e a emergência do multiculturalismo como uma fragmentação de espaços (face às culturas de massas) em busca do reconhecimento/dignidade, autenticidade e lugar na esfera pública, como escreve Charles Taylor:

¹ Claude Levi-Strauss (dir.), (1987), L’Identite, Ed. Quadrige, PUF, PARIS, p.10.

Identity is a complex concept which refers both to the psychological dimension of self-consciousness and to the social and political dimension of collective identifications. With modernity, identity gains a new meaning. It does not only allude to the horizon of a moral world, as in ancient times, but to something personal and original which must be recognized by others. In the case of nations, individual and collective identities reciprocally interact, since a nation presupposes a unity of discussion and reciprocal understanding which must be recognized in the international public sphere. These three elements, identity as authenticity, recognition and public sphere, are deeply interrelated in our modern civilization and constitute the background for "the politics of identity."²

Neste seu trabalho fotográfico, Virgílio Ferreira propõe-nos uma abordagem instável à questão da identidade – um exercício permanente de construção -, focando-se na condição do migrante na Europa. A questão não podia ser mais pertinente nos tempos que correm. Desde a tragédia de Lampedusa e dos migrantes clandestinos do Norte de África, às pulsões nacionalistas da Catalunha, à hegemonia alemã ou ao todo poderoso reino da linguagem da finança, não se percebe nada da mística da unidade na diversidade de uma Europa do Atlântico aos Urais.

Percebe-se por isso a teoria da “*construção do inimigo*” de Umberto Eco: “*ter um inimigo é importante, não apenas para definir a nossa identidade, mas também para arranjarmos um obstáculo em relação ao qual seja medido o nosso sistema de valores, e para mostrar, no afrontá-lo, o nosso valor*”³

É este o jogo permanente do devir identitário. Como numa complexa engrenagem cibernética, a identidade manifesta-se no tráfego cruzado da vida de todos os dias, entre realidades e expectativas, entre o sentimento de si e a relação com os outros, entre universos locais e locais universais.

² Charles TAYLOR (1996), “Identidad y Reconocimiento.” Revista Internacional de Filosofia Política 7, pp.10-19 (abstract)

³ Umberto ECO (2011), Construir o Inimigo e outros escritos ocasionais, Ed. Gradiva, Lisboa, p.12.

A identidade forjada pela negativa entre excluídos e vitimizados pode ser uma *identidade assassina*⁴; basta uma leitura rápida do livro de Amin Maaluf para perceber quais são as palavras que se usam para falar desses assuntos: humilhação, sobrançeria, intolerância, sectarismo, injustiça, vítimas, estrangeiro, xenófobo, mestiçagem, vingança, violência, racismo, tolerância, ortodoxia, dominação, arrogância, liberdade, racismo, vítimas, mártires, heróis, sangue, direitos, convivência, dignidade, adversários, atrocidades, massacres, tribos, fanáticos, ódio, minoria, ameaça, auto-estima, migrante, refugiado, vítima, desalojado, repressão, insegurança, rejeição, pobreza, privação, exílio, perseguição, desconfiança, exclusão, contestação, perseguição, hostilidade, desvalorização, ostentação, submissão, preconceito, intolerância, tortura, escravidão, desrespeito, fanatismo, abominação, emancipação, perseguição, barbária, ameaça, exploração, desigualdade, sincretismo, rivalidade...

O desafio da globalização enquanto processo, ao mesmo tempo, de confronto e de diluição, não é a construção de uma meta-identidade plástica sem arestas vivas, como um amontoado de gente espalhada pelo planeta mergulhada num magma cultural mais ou menos partilhado. Também não existem muitas razões para crer no paraíso perfeito da intensa comunhão na diversidade, na diferença e na unidade das nações e das crenças. Basta dar uma olhadela pelas notícias e ver a fragmentação dos conflitos ou a emergência de neo-tribos globais.

Daniel Innerarity desloca a questão identitária para a esfera política e para a construção de um *comum* em contexto de organização democrática: "*Lo político es más bien el lugar en el que una sociedad actúa sobre sí misma y renueva las formas de su espacio público común*".⁵ Nessa esfera se define o "nós" e os "outros" e as regras que toleramos ou aceitamos. Parece claro, mas o mundo segue bastante injusto (como sempre).

"Ser e Devir" de Virgílio Ferreira é assim um projecto fotográfico significativo que cruza os universos documental e artístico, criando um corpo de trabalho

4 Amin MAALOUF (1998), *Les Identités Meurtrières*, Ed. Grasset & Fasquelle, Paris.

5 INNERARITY, D. (2005): "*¿Quiénes somos "nosotros"?. Preliminares para una política de la identidad*" *Doxa*, nº 3, pp.34-43, consultado em Dezembro de 2013 em www.doxacomunicacion.es/pdf/articuloinnerarity.pdf

imagético que não se confina apenas a leituras “main stream” ou politicamente correctas sobre as questões de identidade e, neste caso específico, sobre diversas gerações de emigrantes Portugueses. Como o próprio autor refere, ao falar sobre os diferentes estados sócio e geocultural que os imigrantes experienciam ao longo da sua vida esses “... estados de velho e novo, ocorrem no mesmo espaço e ao mesmo tempo. Os emigrantes são convidados a transformar a sua identidade, renogociando-a de acordo com situações novas e em constante mudança.”

Parece, então, que os conteúdos das supostas identidades não interessam, de facto, muito. Interessa mais saber do potencial da construção de amigos e inimigos e das razões que explicam essa construção. *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*, como escrevia Camões, (...) *todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades.*